

Palavra por aí, à ventura.

Sábado, oito horas da manhã. No ponto de ônibus, do outro lado da rua, temeu ser descoberta; flagrada; escondeu-se detrás do peixeiro, trêmula. O ônibus prosseguiu, no entanto e ela imaginou-se invisível. Nesse exato momento, decidiu não retornar à brancura esquálida do papel. Saiu; vadiando, chutando pedregulhos: seixos minúsculos de poucas sílabas – sim; não; dá; cá; lá – andou pôr ali, sem rumo, até o meio dia. Mãos nos bolsos, aceitou carona no pé de vento e foi-se, a revolver a pedraria da Praça. Tentou devassar o que não lhe era claro – o hífen, pôr exemplo – ; dentre as pedras finas, as preciosas, almejou garimpar a Pedra do Escândalo, ou, manuscrito que lhe daria o Título e Glória: ser vocábulo da língua Pali, a língua sagrada, derivada do sânscrito, cânon dos livros sacros no Budismo; ou, ainda, deparar-se com as ruínas de um pegão; reforço à base da Ponte que tentava, há muito, transgredir; transvasar em segurança. Cabisbaixa prosseguiu o passeio – não pôr desventura; sim por precaução: desviar-se do perigo constante da grafia errada –. E, assim, foi seguindo o brilhante dia; “**brightly**”, como Virginia Woolf, pensou. Palmilhou toda a praça, entrou à direita, no Becão dos esquecidos, desceu a rua Dom José e descambou no mercado, esquivando-se dos pregões e das Outras, as mal grafadas, coitadas, presas às tabuletas, aos portais das bodegas, acenando aflitas ao vê-la passar. Foi então que avistou em letras garrafais:

H – I – P – O – P – Ó – T – A – M – O

CIRCO NERINO APRESENTA:
COM DOIS ANOS DE IDADE
E PESANDO 800 KILOS.

Estacou. Enrijeceu-se. Arregalou-se; repetindo atônita: HIPOPÓTAMO!
HIPOPÓTAMO! Coleante, qual serpente, sinuosa, tracejou o inusitado. Buscou, com a excitação própria do achado insólito; ao deparar-se-lhe, arrastou-se sob a lona encardida do Numinoso Circo, encravado no imenso Campo. Deslumbrada, rolou na serragem cheirosa da madeira escura, coberta do ignoto piso. Semi-escondida, aquietou-se a espera do preciso instante; aquele da captura. Domaria a Nova. Necessitava com urgência, de uma Outra. Substituta da Velha, aquela que um dia fora bela, sugestiva, adequada, significativa, porém, como um sopro esfumara-se na roupa do Santo ou no Andor; não importava,

pensou, encontrara a Nova; jogar-se-ia sobre ela feito insana; sussurrar-lhe-ia, tomaria emprestada a doçura da boca vermelha do amor, a asa do anjo, o rosto do arcanjo, para capturá-la; raptá-la; seqüestrá-la; enroscá-la; encostá-la na vetusta querela do DIZER. Ali, embalada pelas cheirosas raspas da madeira inupta, deu-se conta que por Ela, a Nova, se abraçaria outra vez; forçar-se-ia; deitar-se-ia de costas a mirar as remotas gaivotas e as cativas estrelas; soluçaria sobre os úmidos e túrgidos dormentes. Transgrediria a travessia, livre das pesadas correntes a ressoar na Ponte. De repente, sentou-se lesta; Ei-la, a Nova; vestida de filó cor-do-arrebol, evoluindo no alto do trapézio. De boca aberta, seguiu as flexões, as sufixações, os movimentos de gênero, número e grau, e tantas outras maravilhosas figurações que realizavam-se e desfaziam-se, sob uma leve e sutil pontuação, no cimo, junto à Lona Mágica. Foi então, quase a perder o coração, no susto, que testemunhou a Nova, pernas grossas, saia em filó cor-do-arrebol, camadas recamadas de brilhantes pontinhos, seios fartos, rosto amigo, despencar-se em espiral e cair, pernas abertas, como a ofertar-se. Linda. Linda. Linda. – AHHH, suspirou, eis a Nova a cair na cama do branco papel, qual pluma na lama. Eis a Palavra. A Anelada. Nova Palavra. Atraindo uma multidão co-formadora, tecendo, também, a textura do texto; clarificada pela sensibilidade; detentora de estímulos e expectativas neo-natas. Ei-la; dando a luz a formas plurivalentes; criando na ambigüidade; pescando em espaços abertos; oferecendo-se a inúmeras possibilidades. Gerando moldes diversos, sonhados, também, no olho do outro. Brava, ultrapassando a univocidade através da ousadia da liberdade. – AHHHH! Finalmente a Palavra "Ex Acta". Em movimento; não ultimada. Cúmplice dos passageiros do ônibus, do condutor, do guarda de trânsito, do advogado, do juiz, do pedreiro, do artista, do cantor, das Patrícias e Genis; mestres e garis.

Pondo-se de pé, deu um passo a frente e ressurgiu na claridade que assentou-se-lhe feito ouro. E foi-se; mãos nos bolsos, caminhando em sentido inverso; pisando suas mesmas pegadas, parando, a pular amarelinha nas calçadas das escolas, a cochichar com as crianças, a insultar um verso mal traçado em alguma confraria espiar através das vidraças o trabalho de um repórter renitente e esperançoso, a olhar de escarcha um esbirro ou pingar-se numa carta de amor. Percorrendo desde a forma até a brotação – ou seria desde a brotação até a forma –. Enfim, tateando o Fio para a tessitura da matéria. Cardando. Fulgurante, polivalente, múltipla, mestiça; salpicada de erval, ouropel, anil e cal; às quinze horas do Sábado.

LOIS BENCHETRICH